



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO DE SURDOS.

Márcia Teresinha Dorneles Nunes

Porto Alegre, RS, Brasil.

2010

FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO DE SURDOS.

Por

Márcia Teresinha Dorneles Nunes

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial –
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção
do grau de
Especialista em Educação Especial.

Porto Alegre, RS, Brasil.

2010

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização.

FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Elaborado por
Márcia Teresinha Dorneles Nunes

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Dr. Ana Luisa Gediel
(Presidente/Orientador)

Camila Righi Medeiros Camillo, Ms.
(Universidade Federal de Santa Maria)

Dr. Elisane Maria Rampelotto
(Universidade Federal de Santa Maria)

Porto Alegre, RS, Brasil.
2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO DE SURDOS.

AUTOR: Márcia Teresinha Dorneles Nunes
ORIENTADOR: Ana Luisa Gediel
Porto Alegre

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo colaborar com a discussão e reflexão a cerca das relações sociais entre família e escola, tendo em vista a escolaridade da criança surda. Foram abordadas questões e conceitos sobre a educação de surdos e as relações familiares a partir da experiência em uma escola pública do Município de Gravataí, na grande Porto Alegre, RS, denominada de EMEES. A abordagem metodológica baseou-se na pesquisa qualitativa, utilizando a bibliografia especializada. Os resultados das entrevistas realizadas com três famílias de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Especial para Surdos evidenciaram que a participação da família no contexto escolar da criança e a aceitação por sua condição de surdo são fundamentais para o desenvolvimento, cognitivo, afetivo e social desta criança. As entrevistas demonstraram que a estrutura familiar possibilita a organização e apoio necessário para as novas aquisições no contexto escolar. Constatou-se também, que cada família entrevistada, de uma forma ou outra, vê a escola como um espaço ímpar na educação de surdos.

Palavras-chave: surdos, família, educação, escola.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	3
2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO.....	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
3.1. Refletindo Sobre a Constituição e o Papel Social da Família.....	9
3.2. A escola para Surdos e sua Função Social.....	13
3.3. Relação escola-família na escolaridade da criança surda.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
5. REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO 1.....	22
ANEXO 2.....	23

APRESENTAÇÃO

O presente artigo monográfico tem como principal intenção fazer uma análise sobre as observações e entrevistas realizadas, conforme anexo 1, junto às famílias de alunos surdos, e suas relações estabelecidas com a escola em que seus filhos estão matriculados. Desta forma, buscou-se refletir sobre a necessidade e a importância da participação da família na educação do filho surdo. Foram levados em consideração aspectos particulares de cada família e seu contexto.

Vygotsky (1989), em seus estudos sobre o desenvolvimento e aprendizagem, sustenta que o homem como ser racional, movido pelas emoções, constrói sua identidade a partir do estímulo que o meio favorece e lhe oferece, cria sua base constitucional como sujeito através das relações sociais que experimenta. Entre estas relações estão à família e a escola, as quais podem se complementar e, ao estarem unidas, propiciar a formação do sujeito num todo. Tiba (1996) destaca que se houver uma relação de cumplicidade, reciprocidade e respeito, essas instituições podem garantir efetivamente, a formação de conceitos éticos, a construção de valores e a aprendizagem formal, do filho/aluno como meio de sustentação para exercer sua cidadania. Tais questões amparam teoricamente este estudo.

Paro (2000), salienta que, o fracasso escolar ou as dificuldades enfrentadas pelo aluno, em geral, estão relacionadas a pouca ou nenhuma participação da família no processo escolar da criança. Na busca pela superação é na família, independentemente de sua constituição ou organização interna, que a escola encontra os subsídios necessários de apoio. Ocorrendo da mesma forma na relação inversa. O autor destaca ainda o comprometimento e atuação do grupo familiar e da escola como possibilidades de alcançar os resultados desejados. Dessa forma, a escola possui os mecanismos para o desenvolvimento do aluno, porém, a família detém todas as informações necessárias que possibilitem a utilização desses mecanismos. Família e escola devem funcionar num sistema de engrenagem, em que cada um consciente de seu papel, exerce sua função para o bom funcionamento do todo.

No caso específico ao atendimento educacional de alunos surdos de Gravataí, tem se observado grande dificuldade em estabelecer esta relação de cumplicidade com a família. A partir das observações realizadas no contexto da

escola pública de surdos de Gravataí, na grande Porto Alegre, RS, foi possível identificar que esta busca, constantemente, a parceria da família de seus alunos, no sentido de levá-los a compreensão de como se dá o ensino numa escola de surdos.

Conforme Karnopp (2004) a educação de surdos configurada num contexto especial, que tem sua base numa comunicação diferente, objetiva desenvolver o aluno, a partir de sua língua natural, respeitando sua forma visual de adquirir conhecimentos e construir conceitos. Nesse sentido, a escola de surdos pesquisada enfrenta, na maioria dos casos, a negação dos pais em apropriar-se desta forma comunicativa e de envolver-se em seu processo educacional. A questão da diferença linguística do sujeito surdo, nascido em família ouvinte, requer ainda maior envolvimento por parte de seus pais. Aprender a Língua de Sinais e comunicar-se com o filho é fundamental. No momento em que esta criança ingressa na escola, não estará somente experimentando um novo meio de convivência, mas principalmente conhecendo uma forma efetiva de comunicar-se e expressar-se. Sendo assim, se os pais não participarem destas novas aquisições, terão muitas dificuldades em acompanhar o processo de desenvolvimento cognitivo e emocional de seu filho.

Observa-se num quadro geral dessa pesquisa, que os alunos que possuem família, engajada ao processo educacional e todas suas implicações, têm apresentado bons resultados em seu desenvolvimento social e cognitivo. Isto ocorre independente do seu grau de surdez ou demais comprometimentos associados.

Sendo assim, se fez necessário refletir e repensar todas as questões e relações que envolvem este educando, buscando na pesquisa e nos estudos já realizados por outros educadores/autores que se detiveram a estudar este tema reafirmando a importância da relação de cumplicidade e reciprocidade entre a escola da criança surda e sua família. Foi possível incursionar neste tema, e realizar a pesquisa, com o apoio de algumas famílias que atuam no contexto escolar de seus filhos. Em um primeiro momento, este estudo buscou entender as relações familiares e sua configuração. Em seguida, verificou-se o papel da escola diante do seu aluno e suas relações. Finalmente, foi realizada uma reflexão sobre as questões que envolvem a família e a escola em busca do sucesso escolar da criança surda.

Em síntese, acredita-se que este trabalho servirá de aporte teórico nas reuniões de estudo da classe docente da escola pesquisada, buscando momentos

de reflexão das famílias nas reuniões periódicas de pais, alavancando assim, quem sabe, novas propostas de ações relacionadas ao tema.

2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido através do método qualitativo de investigação, utilizando como instrumento, coleta e análise de dados obtidos por meio de observação direta e entrevista semi-estruturada que:

Permitem, entre outras coisas, o registro do comportamento não verbal e o recebimento de informações não esperadas, porque não seguem necessariamente um roteiro fechado, percebendo como bem vindos dados não previstos anteriormente. (VÍCTORA, 2000. p.)

Tais recursos permitiram uma análise qualitativa dos dados.

Para tanto, buscou-se uma amostragem de 03 famílias de alunos surdos, de uma escola pública do Município de Gravataí, na grande Porto Alegre, RS. Foram selecionados para esta pesquisa, famílias de alunos que tem apresentado bom rendimento e se desenvolvido em todos os aspectos, conforme a concepção da escola.

Num primeiro momento foram entregues as entrevistas aos alunos selecionados, para serem respondidas em casa por seus pais. Num outro momento, após o retorno das entrevistas, foi realizado um encontro com as três famílias para discussão dos pontos e uma análise das respostas. Neste mesmo momento realizamos um fechamento das opiniões, sem a intenção de afirmarmos nada e onde foi possível realizar observações que deram suporte para este trabalho.

A partir desta pesquisa, foram obtidos dados descritivos através das observações realizadas, da entrevista e do contato direto com pelo menos um representante da família. As famílias em questão serão tratadas por Família 1 do aluno At (2º Ano do Ciclo 02), Família 2 do aluno Hq (3º Ano do Ciclo 01) e Família 3 da aluna Ad (1º Ano do Ciclo 02)

No momento da entrevista, residiam na casa da família 1, quatro pessoas: a mãe com 47 anos, professora aposentada de nível superior de escolaridade; o avô materno de 71 anos, de escolaridade compatível ao 1º grau completo; a avó de 73 anos, também professora aposentada de nível superior de escolaridade; o aluno At,

de 11 anos, no momento da pesquisa estava cursando o 2º ano do Ciclo 2. Todos naturais do município de Uruguaiana, RS.

Como os avós já residiam na cidade de Gravataí a mãe de At ainda casada com o pai do menino buscou transferir-se com parte da família para o referido município. Esta transferência se deu, por saber da existência de uma escola pública para surdos. Dois anos após esta mudança, a mãe e o filho ficaram morando com os avós. Trata-se de uma família muito participativa, não somente no que diz respeito às tarefas escolares, mas também a eventos, gestão democrática da escola, onde a mãe participa como membro do conselho escolar no seguimento de pais.

A família 2, do aluno denominado como Hq, constitui-se por sete pessoas, pai, mãe e cinco filhos, sendo que destes, três já encontram-se em idade escolar. Hq com 08 anos, estudante do 3º Ano do Ciclo 01, a irmã, com 14 anos, ouvinte na 7ª série do ensino regular de oito anos, um irmão com 07 anos, também ouvinte no 2º ano de nove anos do ensino regular. Os outros dois irmãos ainda não se encontravam em idade de ir para a escola no momento da pesquisa.

A família reside na zona rural do município de Gravataí, embora muita dificuldade, pela distância, para chegar até a escola, a mãe consciente de seus direitos legais, buscou a melhoria de condições para garantir o acesso de seu filho na escola que considera a melhor para ele, garantindo assim o transporte coletivo da prefeitura. Esta família se faz presente na escola, pela atuação da mãe, dona de casa, 43 anos que concluiu o ensino fundamental, e que procura estar sempre presente nas reuniões e eventos da escola, além de auxiliar seu filho nas atividades extra-classe. Devido a sua rotina e ao compromisso com seus outros filhos, justifica sua pouca participação no conselho escolar, mas sempre que possível se faz presente nas decisões e manifestações por melhoria da educação.

A família 3, da aluna Ad, de 09 anos, estudante no 1º Ano do Ciclo 02, reside em Cachoeirinha, município vizinho de Gravataí, juntamente com sua avó paterna de 65 anos, sua tia de 23 anos e seu tio de 26 anos. Sua mãe constituiu outra família e praticamente não convive com a filha vendo-a eventualmente. A avó é a responsável oficial pela menina, participa de todas as reuniões e eventos da escola. Os tios participam, atuando na criação da sobrinha e auxiliando em casa com as tarefas escolares. Por trabalharem fora de casa, não conseguem participar muito da escola, somente em alguns eventos realizados nos sábados.

A avó cursou o Ensino Fundamental Incompleto e os tios o Ensino Médio. Em casa, os três adultos têm ótima comunicação com a menina. Todos utilizam a LIBRAS¹ na comunicação diária e quando lhes falta alguns sinais para comunicarem, utilizam-se do conhecimento da própria menina para ensinar os sinais.

Além dos dados aqui relatados, foram investigadas também através de conversas, questões bem pontuais referentes à importância e o papel da escola de surdos para a criança surda, a aquisição da Língua de Sinais e o papel da família na escolaridade desta criança.

¹ A palavra LIBRAS refere-se à Língua Brasileira de Sinais, considerada como segunda língua oficial do país, a partir da lei nº 10.436, de 2002.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Refletindo Sobre a Constituição e o Papel Social da Família

Santos e Zychy argumentam que o núcleo familiar se constitui de forma ímpar, compartilha de uma mesma ideologia, criando suas regras, leis, mitos e crenças particulares. É também um espaço de constante e intensa troca de emoções e reações, onde se configuram os significados do cotidiano e se constitui a estrutura familiar. Essa forma particular, de cada grupo familiar, caracteriza um jeito de viver e conviver seus valores, seus sentimentos, seus dramas, dividindo ou omitindo suas relações particulares neste contexto (Santos e Zychy, 2006).

Os núcleos familiares podem ser pensados a partir de diferentes constituições, afastando-se a idéia de família, composta somente por pai, mãe e filhos. Ao pensar na formação de famílias de maneira heterogênea, elas podem ser compostas por um grande número de pessoas, ou apenas duas pessoas. Conforme Bradt (1995) em sua literatura voltada para educação e família, ocorre também que muitas vezes, o grupo familiar em um determinado momento da vida se desmembre de seu núcleo original, para formar outro novo grupo, associando assim membros de vivências e hábitos totalmente distintos.

As mudanças no ciclo de vida familiar, como por exemplo, o nascimento do primeiro filho, a chamada transição para a parentalidade envolve a mudança das identidades individuais de marido e mulher para as de pai e mãe, assim como o relacionamento de casal muda para o de unidade familiar. Segundo Bradt (1995, p.206), “não existe nenhum estágio que provoque mudança mais profunda ou que signifique desafio maior para a família nuclear e ampliada do que a adição de uma criança ao sistema familiar”. É a partir daí que pais tornam-se responsáveis por alguém que nem conhecem direito, mas que amam desde o primeiro momento de sua existência.

De acordo com Perolin (2005 p.39) “A grande arte da família é manter-se família,” desta forma, independente de sua composição e suas diferenças, suas mudanças e seu crescimento, o que determina e sustenta a família é a qualidade de suas interações.

O papel que cada membro da família assume e a forma como deve desempenhá-lo diante das situações compartilhadas do cotidiano, compõem a estrutura familiar. Conforme foi possível verificar nesse estudo, as famílias são bastante heterogêneas, pois cada uma delas configura uma realidade diferente, levando em consideração, sua composição, o modo de vida e local onde residem. Uma das diferenças relevantes, por exemplo, se deu no sentido de quem assume o papel principal na casa, ou seja, quem mantém a casa financeiramente, determina as regras e toma as decisões. No caso da família de Hq, tais responsabilidades são divididas entre o casal, sendo que predomina sobre do pai. Já na família de Ad, cabe somente à avó a tarefa de coordenar a casa e manter suas necessidades. No caso de At é a mãe quem assume o papel principal, mas enfatiza que sempre que possível procura discutir com o filho situações cotidianas, que não envolvam grande responsabilidade.

Outro fato observado é que as três famílias em questão procuram atribuir funções às suas crianças para já desenvolverem a autonomia, senso de cooperação e responsabilidade. Quando questionados, a respeito da participação das crianças na solução de problemas familiares, todos os envolvidos responderam que procuram levar ao conhecimento das crianças as discussões, como forma de prepará-los para a vida e até mesmo para não deixarem questões sem respostas. A mãe de At, diz que o filho tem uma percepção visual muito desenvolvida e embora ela queira poupar-lhe de alguma coisa desagradável, não consegue, pois o menino, pergunta inúmeras vezes até ter sua curiosidade saciada. A avó de Ad e a mãe de Hq relatam que o mesmo ocorre em suas casas.

Conforme as diferentes composições familiares, apresentadas nesse estudo, foi possível refletir sobre as mudanças que ocorrem a partir das relações com a escola, por exemplo, Buscaglia (1997) aponta que os papéis se cristalizam diante de novas situações e, inevitavelmente, a estrutura é abalada. Diante de qualquer situação de abalo, que podem estar ligados a desastres naturais, dificuldades de convivência, financeira ou de problemas de saúde, naturalmente os membros da família necessitam reestruturar este núcleo e redefinir seus papéis. Neste novo curso de vida e diante de novas experiências surge a necessidade de resignificar valores já construídos até então. Em outras palavras, a cada novo impacto a família vai

sofrendo mutações e redefinindo suas ações, de acordo com o esperado pelos padrões sociais.

Santos e Zychy em relação às escritas de Buscaglia descrevem que a extensão dessa reestruturação será determinada pela força do estilo causal, o grau de intimidade dos inter-relacionados da unidade e a profundidade das reações emocionais envolvidas. Segundo Buscaglia, (1997, p. 80) “cada família tem força e qualidades próprias que fluem de seus integrantes, de modo individual ou em conjunto, alimentando o grupo familiar como unidade”.

A família tem uma forte influência sobre cada um de seus membros, que se constituem de forma única, a partir da herança sócio-cultural e dos valores absorvidos em seu contexto familiar. Em geral a família age como o primeiro referencial para o indivíduo. É neste espaço que o homem busca construir sua identidade e desenvolver sua personalidade a fim de conviver socialmente. Nas palavras de Berger e Luckmann:

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. (BERGER E LUCKMANN: 1973 p. 175).

Conforme a citação dos autores, podemos refletir sobre a socialização primária, tendo como principal suporte, o âmbito familiar. Já na socialização secundária, os autores sugerem a inserção do indivíduo em outros locais, como por exemplo, a escola. Nesse sentido, argumentamos que os processos de socialização vivenciados pelas pessoas surdas, que foram citadas nessa pesquisa, sofreram de algum modo prejuízos, dado ao fato que na sua primeira socialização, houve um déficit de estímulos linguísticos que, por consequência, naturalmente alteraram o desenvolvimento de seus processos mentais e dificultaram a aquisição de conceitos mais abstratos e de meta cognição. Desta forma, Goldfeld (1997), retomando os estudos de Vygotsky e Bakhtin, alerta sobre a importância dos diálogos e conversações, em uma língua de fácil acesso, para a aquisição da linguagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do pensamento e da consciência da criança surda.

Já em relação às formas com que as famílias concebem e se estruturam, quando tem um membro com necessidades especiais, são pensadas, outras formas de relações sociais e de socialização. De acordo com Fiamenghi e Messa (2007), o nascimento de um filho com necessidades especiais, acentua ainda mais as mudanças na estrutura familiar, pois se trata de uma situação inesperada, de mudança de planos e expectativas e em geral, sentimento de frustração dos pais, ainda que inconsciente muitas vezes, por não terem conseguido conceber o filho por eles idealizado.

Conforme foi constatado na pesquisa sobre o que sentiram os entrevistados diante da descoberta da surdez de seus filhos, os relatos foram distintos. A mãe de At, por exemplo, relatou que embora nunca tivesse vivenciado algo semelhante e nem mesmo tivesse convivência com pessoas surdas, pensou imediatamente nas possibilidades, alternativas e atendimentos para seu filho. Seu marido e seus outros dois filhos ficaram muito abalados e por isto ela precisou ser ainda mais racional do que já estava sendo. Então foi em busca de respostas para seus questionamentos. Nos relatos da avó de Ad, narrou que no período da descoberta da surdez não convivia tão diretamente com a neta e seus pais, mas sentiu-se abalada com a notícia. A mãe de Hq relatou que os primeiros tempos até a escolarização do menino, foi um período de muitas dúvidas e preocupações, mas hoje esta situação está bem resolvida.

Durante as entrevistas foi possível perceber nas falas das mães e da avó, que o período que acompanhou os primeiros meses de vida de cada bebê, foi suficiente para que as famílias construíssem seus vínculos afetivos com o filho e conseguissem estabelecer formas próprias de comunicação com sua criança. Ainda assim a descoberta da surdez e suas implicações deixaram de alguma forma a estrutura familiar cristalizada.

A partir das considerações de Fiamenghi e Messa (2007), o processo de socialização da criança surda, assim como o da criança ouvinte, ocorre em seu contexto familiar. É neste espaço que seus conhecimentos se iniciam e suas capacidades são desenvolvidas. Nesse sentido, entende-se que a família atua como a primeira escola para a criança.

Sendo assim, conforme a pesquisa, os pais que estão preparados e conscientes de seu papel, que aceitaram a surdez do filho como uma diferença

linguística e cultural e propiciaram os estímulos necessários para o seu pleno desenvolvimento, por consequência, facilitaram o seu processo de aprendizagem. Porém se os pais e demais familiares desconhecem e/ou rejeitam o diferencial desta criança e sua forma comunicativa, estarão prejudicando as interações familiares e sociais e, possivelmente impedindo o seu crescimento cognitivo.

3.2. A escola para surdos e sua Função Social

Diante dos avanços da globalização a sociedade vem modificando-se incessantemente. A partir desta realidade, não há como a educação deixar de se remodelar e acompanhar as transformações no âmbito escolar. Seguindo este contexto, a educação de surdos tem modificado nas últimas décadas. Diversas são as conquistas da comunidade surda frente às políticas públicas que se voltou para a modalidade de educação de surdos, mas ainda existe um caminho bastante amplo a ser percorrido nas discussões a cerca do multiculturalismo, para a definição de conceitos a respeito das diferenças e da diversidade.

A proposta inclusiva invadiu nossas escolas na busca pela igualdade de oportunidades. Será que é isso mesmo que precisamos para formar cidadãos? Onde fica o respeito à diversidade? Lopes descreve os objetivos de democratização da escola. Em suas palavras:

As políticas públicas de democratização da escola objetivam pluralizar o espaço físico escolar, sustentadas sob o forte argumento legal de que todos são iguais perante a lei e devem ter as mesmas oportunidades e direitos. A falácia da igualdade mostrando a discriminação de muitos grupos culturais (LOPES, 1998, p.109).

A comunidade surda, repudiando esta política integradora e não inclusiva, busca através de seus movimentos, garantir seus direitos através das políticas públicas. Dentre suas conquistas, os surdos passaram a ser reconhecidos por sua identidade cultural diferenciada em relação à maioria, ou seja, ao grupo ouvinte. Conquistaram espaço na sociedade dominante e melhores condições de acesso para sua formação, tendo o reconhecimento de sua forma de comunicação através

da oficialização da Língua Brasileira de Sinais, contemplada na Lei 10.436/02, regulamentada no Decreto 5626/05. Para Silva:

A identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes. (SILVA, 1998, p.58).

O conceito de identidade pode ser ainda complementado com a idéia de ser surdo. Conforme Perlin, (1998), “ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva”. Isto é o grande diferencial pelo qual lhe torna lingüisticamente diferente e em consequência disto, sua aprendizagem necessita de todo o estímulo visual possível, perpassando pela experiência, pela simbologia, pela abstração para finalmente construir conceitos.

A mãe de Hq relata durante os diálogos, que no início teve certa resistência em aceitar que seu filho estudasse na EMEES, pois tinha receio por ser uma escola diferente. Entretanto, no momento da entrevista narrou que ele não poderia estar em lugar mais apropriado devido ao fato de ter o contato com a língua de sinais, que auxilia sua aprendizagem. Isso nos mostra o caráter inclusivo que a escola de surdos tem. De abarcar também diferentes surdos, que experienciam sua surdez diferentemente.

Atenta à questão fundamental da necessidade de um desenvolvimento satisfatório de linguagem para a constituição dos sujeitos, é que surge a proposta bilíngue, que enfatiza a necessidade de que o surdo adquira o mais precocemente possível uma língua plena, a língua de sinais, considerada como a sua primeira língua, ou seja, aquela que possibilitará seus processos mentais de forma ilimitada. As mães entrevistadas relatam que atualmente não encontram dificuldades em conversar, todos os tipos de assuntos com seus filhos. Embora, elas não se considerem fluentes em LIBRAS, dizem que seus filhos facilitam o diálogo, não subestimando seus sinais, mas lhes oferecendo auxílio para ampliá-los. Todas afirmaram que os assuntos são os mais variados possíveis e não se limitam a questões cotidianas, porém isto não ocorria da mesma forma quando eles eram menores e não tinham contato com LIBRAS.

Segundo Lacerda e Lodi (2009), a maior parte dos alunos surdos do Brasil não tem podido ter uma escolarização que atente para suas necessidades

linguísticas, curriculares, sociais e culturais. A escola como ambiente cultural, linguístico e formador de aprendizagem formal, deve primar por levar ao alcance de seus alunos todas as possibilidades de superação das defasagens que ficaram na sua primeira etapa de vida, ou seja, antes de sua entrada na escola. Lacerda refere-se à organização escolar para pessoas surdas:

Uma escola especialmente organizada para o atendimento das pessoas surdas, na qual todos os conteúdos acadêmicos fossem ministrados em sinais, com um professor com domínio de Libras, seria o ambiente desejável para o desenvolvimento pleno da pessoa surda (LACERDA, 2000, p.81).

Desta forma, a autora nos deixa claro que a escola para o aluno surdo não se faz a partir de um espaço socialmente agradável, onde as pessoas estão envolvidas em gestos caridosos, para auxiliar o aluno ou colega surdo. A escola deve ser um local preparado para atender a diversidade, propício e favorável à aprendizagem, onde ocorra apropriação e construção de conhecimentos por todos que nela estudam, além de ser um lugar que assuma o compromisso político e pedagógico com a educação de surdos.

3.3. Relação escola-família na escolaridade da criança Surda

A escola representa na vida do aluno a sua socialização secundária, segundo Berger e Luckmann (1973): É imediatamente evidente que a socialização primária tem em geral para o indivíduo o valor mais importante e que a estrutura básica de toda a socialização secundária deve assemelhar-se à da socialização primária.

Sendo assim, é fundamental que a escola seja uma extensão desta forma de socialização primária, para que a criança sinta-se confortável no novo ambiente.

Conforme Paro (2000), a respeito da concepção de educação, os autores relatam que se trata de um “processo de apropriação do saber historicamente produzido, em que o educando se apresenta essencialmente como sujeito da ação educativa e não como mero depositário de conhecimentos” (p.220). Desse modo, a entrada na escola também se constitui pela integração em outras instâncias socializadoras, de acordo com a participação do aluno no contexto escolar.

Nas repostas das entrevistadas, elas deixam claro que a EMEES representa garantia de futuro para seus filhos, além de apontar que a escola é considerada como uma aliada para dar os ensinamentos os quais elas não estão aptas a dar. Também destacam que o espaço proporciona muitas vivências, como os passeios culturais, as atividades integradoras com famílias e com surdos de outras escolas.

Sendo assim, a escola que pensa a educação como compromisso social e pedagógico, não se enquadra nos moldes da auto-suficiência em sua tarefa educativa. Ela necessita envolver-se com o aluno em amplo sentido, buscando todos os apoios necessários para o sucesso escolar de seu educando Paro (2000). A família neste processo tem um papel fundamental como principal detentora dos conhecimentos acerca de seu filho, nosso aluno. Em contra partida, a escola detém os mecanismos pedagógicos, possíveis para o desenvolvimento desta criança. Partindo desta idéia, família e escola se complementam, e necessitam caminharem juntas, para alcançar um único objetivo, que é a formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres e com autonomia para exercê-los.

Como já citado anteriormente neste trabalho, no espaço dedicado a refletir a cerca da Família, baseado nos estudos de Berger e Luckmann, (1973) refere-se que: “o primeiro atendimento da criança Surda, assim como o da criança ouvinte, deve ocorrer em seu contexto familiar”. Conforme os dados que foram levantados nesta pesquisa, este primeiro atendimento refere-se aos primeiros ensinamentos, em que os pais conseguem realizá-los através dos gestos, como eles mesmos expressaram, ou seja, um ensinamento muito primário que depende do apontamento, da expressão negativa ou afirmativa. Uma forma limitada e que não se estende de forma alguma a compreensão de conceitos, regras e valores. Mas quem dará conta da linguagem e da língua? Da identidade? Dos valores? Da ética? E assim por diante? Não cabe aqui fazer nenhuma afirmação, diante destas questões, porém refletir ao longo do texto. No que tange ao processo de escolarização, Tiba descreve que:

A escola necessita saber de que é uma instituição que complementa a família, e que ambas precisam ser, um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno (TIBA, 1996, p.140).

Esta parceria sugerida pelo autor implica em colocar-se no lugar do outro, uma tomada de consciência e definições de papéis, onde cada um contribua com os recursos que dispõe, e busque ampliar suas condições de cooperação.

A escola de surdos, por direcionar a sua ação pedagógica a uma comunidade de diferenças linguísticas e culturais, necessita dialogar com os pais a respeito desta concepção, levando-os a conhecer a diferença, como cultura e distingui-la do conceito “deficiência”, que ainda está tão presente em suas concepções.

Conforme as falas das mães entrevistadas são grandes o número de pais que vêem seus filhos surdos como deficientes. Eles não entendem a surdez como diferença e parecem se fechar para discussões mais amplas, que representem novas formas de pensar e agir diante da surdez. Na fala da mãe do At, se expressa esse sentimento: - A EMEES oferece a informação, mas eles não participam dos encontros de pais.

A escola deve estar preparada e organizada para apoiar o aluno e sua família, orientando-os para as novas aquisições e a participação nas atividades da comunidade. Tal investimento se faz necessário para que a escola consiga ter o retorno dos pais como atuantes do processo.

Para Lodi e Harrison (1998), o fato das crianças surdas, serem provenientes de famílias ouvintes impõe a necessidade da exposição à língua de sinais em um ambiente que valorize essa modalidade de comunicação, ao modelo surdo adulto, fluente em sua língua, com quem a criança possa se identificar na sua diferença.

A escola necessita ter claro o seu papel mediador e conciliador, diante as desconfortos e transformações sofridas pelo núcleo familiar, porém a família também deve ter presente que o seu papel atuante é fundamental no contexto escolar. Tanto no que diz respeito às questões de aprendizagem, quanto ao que se refere a tudo que envolve o lado social da comunidade surda.

No caso da escola pesquisada, percebe-se claramente seu objetivo em envolver-se na relação família-escola. Seus projetos estão voltados para o desenvolvimento pedagógico e social de seus alunos e comunidade, dentro de uma proposta de gestão democrática.

Sendo assim, é provável que numa relação de parceria efetiva, entre família e escola, ambos envolvidos no processo de desenvolvimento integral da criança Surda, as duas instituições, atuem somente como facilitadoras e orientadoras de

uma construção em que o filho/aluno será o próprio protagonista de sua formação. Tornando-se um sujeito autônomo, consciente de sua cultura identitária e detentor de seus conhecimentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incursionar neste tema de pesquisa permitiu ao pesquisador aprofundar o conhecimento a cerca de aspectos fundamentais que envolvem a vida de uma pessoa surda. Os alunos têm consciência do fato de estudarem em uma escola diferenciada e a ela dão muito valor, os pais compartilham desta idéia, atribuindo à mesma a responsabilidade de construir o futuro de seu filho surdo. A questão é que, falando de uma realidade e não somente dos pais entrevistados, as famílias de alunos surdos em sua maior parte, ainda continuam sendo meros expectadores do processo escolar de seus filhos.

A partir das leituras realizadas sobre Educação de surdos, unida à prática educativa nesta área, consigo reafirmar a idéia de que se faz necessário ao aluno surdo, o conhecimento de sua condição de pessoa culturalmente e linguisticamente diferente, estendendo esta proposta aos seus pais.

Numa perspectiva Bilingue, o apoio aos pais de crianças surdas deve ser organizado de forma que eles possam conhecer e examinar as questões, a respeito da educação de seus filhos com outros pais, com convivência semelhante e para a aprendizagem de LIBRAS, promovendo interações entre pais com o mesmo interesse e com adultos Surdos capacitados. (HOFFMEISTER, 1999. p.)

Embora a escola já realize estes movimentos, é uma tarefa muito difícil, trazê-los para esta proposta, conforme foi verificado nesse estudo.

A partir das falas dos pais entrevistados conclui-se que, embora a escola insista em levar até sua comunidade tais informações, os pais ou responsáveis pelo aluno, demonstram pouco envolvimento com as questões pedagógicas, as quais diferem e caracterizam a escola de surdos.

Características citadas nas entrevistas como, por exemplo, a comunicação em língua de sinais, a busca por conhecer a proposta filosófica e a organização curricular da instituição, é desconhecida pela grande maioria dos pais. Em relação à aprendizagem e uso da língua de sinais, verificou-se que os pais não se apropriaram da mesma. Além disso, o seu diferencial em relação às escolas de ensino regular perpassa não somente por questões curriculares de ordem formal, mas, principalmente, em relação à linha adotada sob a perspectiva da comunidade surda.

Normalmente a família se detém à permanência da criança na escola e sua socialização, envolvendo-se, muito pouco ou quase nada com as questões próprias do seu desenvolvimento cognitivo e os processos do mesmo. Diante disso, cabe a escola mais uma vez avaliar as formas de se tornar um ambiente atrativo, para que possa configurar um espaço de troca e parceria com a família de seu aluno, pois é ela junto a sua equipe multidisciplinar, que dispõe de instrumentos que podem viabilizar a construção deste espaço.

O fato é que não cabe a nós afirmar o motivo de tais comportamentos, e sim ter claro que mudanças significativas no interior das escolas de surdos devem e pode ocorrer, a partir da união da família e da própria escola como forma de garantir a qualidade de vida, de aprendizagem e de participação dos nossos alunos em sua comunidade.

5. REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1973.

BRADT, J. O. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a Terapia Familiar. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

BRASIL, Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Oficialização da Língua Brasileira de Sinais. Site: <http://www.planalto.gov.br/legislação>.

BRASIL, Decreto Nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamentação da lei 10436/02. Site: <http://www.planalto.gov.br/legislação>.

BUSCAGLIA, Léo. Ph. D. Os Deficientes e seus Pais: um desafio ao aconselhamento. Trad. Raquel Mendes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOLDFELD, M (1997) A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus.

HOFFMEISTER, R.J. (1999) Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. Em C.SKLIAR (Org.) Atualidade da educação bilíngüe para surdos: interfaces entre pedagogia e lingüística, V.2. Porto Alegre: Mediação.

KARNOPP, Lodenir B. Língua de Sinais na educação dos surdos. In: THOMA, Adriana da S.; LOPES, Maura C.(Orgs). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LODI, Ana C. B. & LACERDA, Cristina: Uma escola duas línguas. Ed. Mediação. Porto Alegre, 2000.

LOPES, Maura Corcini. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. A SURDEZ, um olhar sobre as diferenças. Ed. Mediação. Porto Alegre, 1998.

PADDEN & HUMPHRIES. Inside Deaf Culture. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

PARO Vitor Henrique. Qualidade de Ensino: A contribuição dos pais. - São Paulo: Xamã, 2000.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades Surdas. In: A SURDEZ: um olhar sobre as diferenças. Ed. Mediação. Porto Alegre, 1998.

PEROLIN, Isabel. Professores formadores: a relação entre a família, à escola e a aprendizagem. Ed. Positivo – série práticas educativas, 2005.

MESSA A. Alcione & FIAMENGHI Geraldo A. Jr. Pais, Filhos e Deficiência: Estudos Sobre as Relações Familiares. Revista - Psicologia, Ciência e Profissão. 2007.

SANTOS e ZYCHY – Artigo: Família: um núcleo significativo para a escolaridade da criança Surda. Revista Lato Sensu - Ano 3, nº 1, março 2008.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; Hassen, Maria de Nazareth Agra. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo 2000.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ANEXO 1
MODELO DA ENTREVISTA UTILIZADA:



UFSM

MATERIAL DE PESQUISA PARA ARTIGO MONOGRÁFICO:

Srs. Pais,

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de conclusão para o curso de pós-graduação de Márcia Teresinha Dorneles Nunes. Se possível responda esta questões com clareza para que possamos colher seus resultados e trabalhar com os mesmos em prol da melhoria de nossa educação escolar.

- 1) Quantas pessoas residem em sua casa atualmente?
- 2) Além da criança surda, quantas pessoas em idade escolar têm na sua casa? Quais as idades e níveis de escolaridade?
- 3) Com que frequência à família vai à escola dos filhos?
- 4) De que forma participa das ações da escola? Qual o significado da escola para você? O que você espera da escola?

- 5) Outras pessoas adultas de sua casa compartilham desta idéia de escola?
- 6) Em relação à criança surda:
 - a) Quem na casa auxilia a criança em seus estudos? Por quê?
A falta de comunicação em LIBRAS por parte dos membros da família interfere no desenvolvimento escolar da criança?
 - b) Em comparação aos estudantes ouvintes, você acha que o empenho com a criança surda é maior no que diz respeito a assuntos escolares? Por quê?

Março de 2010.

ANEXO 2



Termo de Consentimento Livre e Informado

Dados de identificação:

Título do Projeto: FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO DE SURDOS.

Pesquisador Responsável: Márcia Teresinha Dorneles Nunes

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal de Santa Maria.

Participante da pesquisa:

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Família Escola e Educação de Surdos”, de responsabilidade da pesquisadora Márcia Teresinha Dorneles Nunes. Este projeto de pesquisa tem como finalidade desenvolver atividades de qualificação às pessoas vinculadas ao Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação Especial.

Nesse sentido, a aplicação de questionário possibilitará compreender a importância da relação família e escola no processo educacional da criança Surda. Os dados levantados serão interpretados de forma qualitativa por meio das respostas obtidas.

Serão confidenciais os nomes dos participantes voluntários da pesquisa.

A responsável pela pesquisa se disponibiliza para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa ou com o tratamento individual sobre o questionário.

Nesses termos, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito respondendo ao questionário.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2010.

Assinatura para a obtenção do consentimento.